

IZABEL CRISTINA PEREIRA RAMOS

“RELAÇÕES ENTRE FICÇÃO E HISTÓRIA EM CAIM”

Monografia apresentada à Universidade Federal de Campina Grande, para obtenção do Grau de Licenciada em Letras.

Professora Orientadora:

Dr^a *Fernanda Aquino Sylvestre*

Professor Co-orientador:

Prof. Dr. José Hélder Pinheiro Alves

CAMPINA GRANDE- PB

JUNHO – 2013

IZABEL CRISTINA PEREIRA RAMOS

RELAÇÕES ENTRE FICÇÃO E HISTÓRIA EM CAIM

Aprovado em ____ de _____ de _____.

BANCA EXAMINADORA

Prof. Dr. Hélder Pinheiro Alves

Co-Orientador

Márcia Tavares

AGRADECIMENTOS

A Deus por ter me dado forças e iluminado meu caminho para que pudesse concluir mais uma etapa da minha vida.

Aos meus pais, em especial minha mãe Salomé, por todo amor e dedicação que sempre teve comigo. Mulher da qual tenho muito orgulho de chamar de mãe. Devo a ela meu eterno agradecimento pelos momentos em que estive ao meu lado, me apoiando e me fazendo acreditar que nada é impossível. Pessoa que sigo como exemplo, mãe dedicada, amiga, batalhadora, que acredita na minha capacidade. Agradeço pelas horas em que ficou ao meu lado não me deixando desistir e me mostrando que sou capaz de chegar onde desejo, sem dúvida foi quem abriu mão de muitas coisas para me proporcionar a realização deste trabalho.

Aos meus irmãos pelo carinho e atenção que sempre tiveram comigo apesar de muitas brigas, em especial à minha irmã Emanuelle a quem devo muita dedicação. Agradeço por sempre ter me apoiado em todos os momentos, por ter me aconselhado e depositado confiança em mim.

Aos meus dois grandes amores, Joeliton e João Pedro, “namorado” e filho, principalmente pela paciência que tentaram ter diante de meus momentos de estresse e de minha ausência, sempre justificada pelos estudos.

Às amigas que fiz durante o curso, pela verdadeira amizade que construímos, em particular àquelas que estavam sempre ao meu lado (Roberta e Rosângela) em me deixar desistir. Sem vocês essa trajetória não seria tão prazerosa.

À minha orientadora, professora Fernanda, pela orientação e ajuda dispensadas no auxílio à concretização dessa monografia, que mesmo à distância, não me deixou desamparada.

Ao querido Marciano por toda paciência e dedicação que me prestou durante todos esses anos e sem esquecer, é claro, de seus deliciosos lanches que me salvaram muitas vezes.

RESUMO

O objetivo deste trabalho é traçar algumas considerações acerca da obra *Caim* (2009), do escritor português José Saramago. Nesta obra, o autor trabalha com os primeiros livros da *Bíblia*, contando histórias que vão do Éden ao dilúvio, sempre percorridas por Caim, que leva na testa uma marca dada por Deus, protegendo-o das adversidades humanas. Saramago propõe a reinvenção da história dita oficial, a bíblica, questionando-a como fato “real”, contribuindo, assim, com os estudos literários que dizem respeito às fronteiras entre história e ficção. Mais especificamente, o trabalho será estruturado na discussão da relação que se estabelece entre a história e a ficção e terá como suporte teórico autores como Linda Hutcheon (1991) (acerca da metaficção historiográfica), Benedito Nunes (1988) e Hayden White (1994) (sobre o discurso histórico e ficcional).

PALAVRAS-CHAVE: Saramago, literatura contemporânea, metaficção historiográfica.

ABSTRACT

The objective of this work is to outline some considerations about the book "Cain" by José Saramago. In this work, the author deals with the early books of the Bible, telling stories ranging from Eden to the flood. He focus on Cain's trip, who carries a mark given by God, which protects him it from human adversities. Saramago proposes reinventing the official story told by the Bible, questioning it as a "real" thing, contributing to literary studies concerning the boundaries between history and fiction. More specifically, this paper will be structured in the discussion of the relationship between history and fiction and will support theoretical authors as Linda Hutcheon (about historiographic metafiction), Benedito Nunes, Hayden White and Maria Teresa de Freitas (on the historical discourse and fictional).

KEYWORDS: Saramago, contemporary literature, historiography metafiction

SUMÁRIO

1.	INTRODUÇÃO.....	09
2.	O AUTOR: JOSÉ SARAMAGO.....	11
3.	AS RELAÇÕES ENTRE HISTÓRIA E FICÇÃO.....	14
4.	A ANÁLISE DA OBRA.....	17
4.1.	Contextualização da Obra.....	18
5.	PERSONAGENS.....	25
5.1	Eva e Lilith.....	25
5.2	Deus e Caim.....	30
6.	CONSIDERAÇÕES FINAIS.....	35
7.	REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS.....	37

1. INTRODUÇÃO

O escritor José Saramago, foi um autor de grande reconhecimento pelas suas obras na literatura portuguesa, por isso a necessidade de ser permanentemente divulgado no Brasil. Analisar uma obra de José Saramago também é compreender, de alguma maneira, o ser humano contemporâneo e suas complexidades.

Inserido em um contexto pós-revolução dos cravos, José Saramago revelou uma consciência lúcida em relação aos problemas políticos, sociais e culturais que a sociedade portuguesa enfrentou após o referido movimento político. Indo mais além, abordou temas universalistas como a cegueira humana diante da realidade insatisfatória e o da religião cristã sobre a moral humana.

Este trabalho pode ser justificado pela retomada de textos importantes e consagrados, como o bíblico, mais especificamente, gêneses, que no romance analisado, *Caim* (2009), obra mais recente de Saramago, se enquadra no que Linda Hutcheon denominou metaficção historiográfica. Esse conceito se refere a uma tendência, que se presentifica na literatura contemporânea, inserida na estética Pós-Modernista, e diz respeito à mistura ou interpenetração de narrativa histórica e narrativa ficcional. No romance *Caim*, temos um reaproveitamento da história bíblica, uma releitura do sagrado apresentada como uma versão alternativa para a “realidade” proposta pela Bíblia.

Sendo um grande estrategista de ficções, Saramago consegue, num romance em que mais uma vez a moral cristã é posta em cheque pelas potencialidades essencialmente humanas de suas personagens, inventar,

redefinir e tirar partido das menores situações, criando um foco narrativo permeado por detalhes que levam o leitor a se integrar na trajetória do discurso.

Propomos neste trabalho estudar a relação entre história bíblica e a ficção de Saramago e refletir sobre o papel da Bíblia tomada como um texto “verdadeiro”, como referência fundamental para a construção e decodificação da obra. Inicialmente, faremos uma breve apresentação sobre a vida e obras de Saramago, baseada na biografia de Saramago, escrita por João Marques Lopes (2010). Num segundo momento, exporemos algumas considerações acerca da metaficção historiográfica e, finalmente, comparamos o texto literário em questão com o texto bíblico. Pretendemos mostrar à como o discurso de Caim inverte valores e recria novas interpretações para o texto bíblico, através das estratégias narrativas.

2. O AUTOR: JOSÉ SARAMAGO

José Saramago, autor em estudo, nasceu na vila de Azinhaga, província do Ribatejo, no dia 16 de Novembro de 1922, apesar de o registro oficial mencionar como data de nascimento o dia 18. Passou grande parte de sua vida em Lisboa, para onde sua família se mudou em 1924. Demonstrou, desde cedo, interesse pelos estudos e pela cultura. A curiosidade sobre o mundo foi sua companheira até à morte.

Iniciou o estudo secundário mas, por dificuldades econômicas, não pôde prosseguir. O seu primeiro emprego foi como serralheiro mecânico, tendo exercido depois diversas profissões: desenhista, funcionário da saúde e da previdência social, tradutor, editor, jornalista. Formou-se numa escola técnica. Fascinado pelos livros, visitava, à noite, com grande frequência, a Biblioteca Municipal Central. Trabalhou durante doze anos numa editora, onde exerceu funções de direção literária e de produção. Colaborou como crítico literário na revista *Seara Nova*. Em 1972 e 1973 fez parte da redação do jornal *Diário de Lisboa*, onde foi comentador político, tendo também coordenado-a, durante cerca de um ano.

Pertenceu à primeira Direção da Associação Portuguesa de Escritores e foi, de 1985 a 1994, presidente da Assembleia Geral da Sociedade Portuguesa de Autores. Entre abril e novembro de 1975 foi diretor-adjunto do jornal *Diário de Notícias*. A partir de 1976 passou a viver exclusivamente do seu trabalho literário, primeiro como tradutor, depois como autor. Casou com Pilar del Río em 1988 e,

em Fevereiro de 1993, decidiu repartir o seu tempo entre a sua residência habitual em Lisboa e a ilha de Lanzarote, no arquipélago das Canárias (Espanha). Em 1998 foi-lhe atribuído o Prémio Nobel de Literatura.

Publicou o seu primeiro livro, aos 25 anos, um romance, *Terra do Pecado*, em 1947, permanecendo depois muito tempo sem publicar (até 1966). Depois desse livro, escreveu *Claraboia* que, depois de rejeitado, permaneceu inédito até 2011. Saramago também escreveu poesia: *Os Poemas Possíveis*, *Provavelmente Alegria* (1970) e o *Ano de 1993* (1975). Da experiência vivida nos jornais, renderam-lhe quatro crônicas: *Deste Mundo e do Outro* (1971), *A Bagagem do Viajante* (1973); *Opiniões que o DL Teve* (1974) e *Os Apontamentos* (1976). Em 1980, lança *Levantado do Chão*; em 1982, *Memorial do Convento*. De 1984 a 1991, escreveu mais quatro romances: *O Ano da Morte de Ricardo Reis* (1984), *A Jangada de Pedra* (1986), *História do Cerco de Lisboa* (1989) e o *Evangelho Segundo Jesus Cristo* (1991). Nos anos seguintes, entre 1995 e 2009, publicou mais oito romances: *Ensaio sobre a Cegueira* (1995), *Todos os Nomes* (1997), *A Caverna* (2001), *O Homem Duplicado* (2002), *Ensaio sobre a Lucidez* (2004), *As Intermittências da Morte* (2005), *A Viagem do Elefante* (2008) e *Caim* (2009).

José Saramago ficou conhecido por utilizar um estilo característico de uma linguagem oral, predominantemente usada na oratória, na dialética, na retórica e que servem sobremaneira o seu estilo interventivo e persuasivo. Utiliza frases e períodos compridos, usando a pontuação de uma maneira não convencional; os diálogos das personagens são inseridos nos próprios parágrafos que os antecedem, de forma que não existem travessões nos seus livros. Este tipo de marcação das falas propicia uma forte sensação de fluxo de consciência, a ponto

de o leitor chegar a confundir - se um certo diálogo foi real ou apenas um pensamento. Estas características tornam o estilo de Saramago único na literatura contemporânea, sendo o autor considerado por muitos críticos um mestre no tratamento da língua portuguesa.

A carreira de Saramago foi permeada diversas polêmicas. As suas opiniões pessoais sobre religião ou sobre a luta internacional contra o terrorismo são muito discutidas e criticadas.

Saramago faleceu no dia 18 de Junho de 2010, aos 88 anos de idade, na sua casa em Lanzarote onde residia com a mulher, vítima de leucemia crônica.

3. AS RELAÇÕES ENTRE HISTÓRIA E FICÇÃO

Segundo Frye, apud White (1994), a História pode ser tomada como um modelo verbal de um conjunto de acontecimentos exteriores à mente do historiador. Ou seja, a história tem seu registro através do discurso, sendo, tanto essa quanto a literatura, dependentes da representação através da linguagem.

A separação entre História e Literatura teve sua origem na crença de que a História, alçada ao patamar de ciência, deveria se despir de tudo quanto pudesse ser inerente ao terreno do *imaginável*; assim, a narrativa histórica deveria atender ao registro inalienável dos acontecimentos o que, no campo da linguagem, vinculou-a à metonímia e a afastou de suas origens como literatura.

Entretanto, a “rígida” separação entre essas duas áreas tem servido à discussões e reavaliações, pois, tudo indica que, seja qual for a escolha adotada pelo historiador para traçar o enredo dos eventos que pretende registrar, nenhuma delas parece poder se eximir da condição de auxílio do *imaginável*. O historiador nunca está isento da inevitável influência de sua própria condição de Ser dotado de subjetividade e, portando, incapaz de se manifestar de maneira absolutamente neutra, posto que, diante da impossibilidade de reconstrução integral dos acontecimentos, é inevitável a ele a decisão de eleger os aspectos relevantes ao registro, interferindo, assim, na construção dos fatos.

Para White (1994), a representação e explicação dos eventos, por parte das narrativas históricas, dependem inexoravelmente da caracterização figurativa desses eventos. Disso depreende-se que a dimensão ficcional torna-se uma condição a toda e qualquer tentativa de representação da realidade, seja ela

factual ou inventada, seja no campo da História, seja no da Literatura. O debate teórico, no entanto, não se manifesta unanimemente e muita atenção tem sido dedicada às delimitações entre narrativa histórica e narrativa ficcional; discussão que recai, inevitavelmente, sobre a problemática das relações entre forma da linguagem e forma de pensamento.

História e Ficção se entrosariam como formas de linguagem: “ambas são sintéticas e recapitulativas; ambas têm por objeto a atividade humana.” (NUNES, 1988). O mesmo autor toma como linha divisória fundamental entre História e Ficção o fato de que as construções do historiador são tentativas de reconstrução do passado, ou seja, alicerçam-se em acontecimentos passíveis de confirmação empírica; o que não constituiria uma exigência para a literatura.

O reconhecimento de que dados ficcionais são inerentes ao gênero histórico tem sido defendido com base na ideia de que, embora acontecimentos tenham ocorrido no passado, esses dependem da seleção e do posicionamento narrativo para serem eleitos ao posto de fatos históricos. Sendo assim, para representar um relato daquilo que ‘realmente ocorreu’, a história depende de convenções de narrativa, linguagem e ideologia. Ou seja, “toda representação do passado tem implicações ideológicas específicas.” (WHITE, 1994). Dentro dessa perspectiva, história e ficção são formas discursivas e, portanto, sujeitas à várias interpretações. E disso advém que, tanto o gênero histórico quanto o ficcional são construtos discursivos humanos e muito se tem questionado até que ponto exista hierarquia entre esses gêneros, já que eles se imbricam.

Esse questionamento é uma realidade recorrente da estética da Literatura Pós-modernista em que a tendência em misturar ficção e fatos da realidade denota a defesa a dificuldade de se estabelecermos verdades supremas. Essa

tendência foi observada por Linda Hutcheon e recebeu a denominação de metaficção historiográfica em referência às ficções que retomam fatos históricos para reavaliar o passado, mostrando novas perspectivas de leitura para a história dita oficial.

Essa literatura da contemporaneidade reivindica o questionamento sobre o conceito de verdade e, segundo Hutcheon (1991), a metaficção historiográfica, ao problematizar quase tudo que o romance histórico tinha como certo, desestabiliza as noções antes recebidas de História e Ficção.

A ficção historiográfica se volta para dois fatores essenciais, o primeiro seria a preocupação com o ato de narrar e os modos como podem ser construídas as ficções e o segundo, voltado para a retomada dos fatos históricos. A problematização que se evidencia emerge do questionamento sobre nossa própria capacidade de conhecer a realidade e, portanto, de ser capaz de representá-la através da linguagem. A literatura se apresenta como denunciadora da limitação que encerra as narrativas históricas e acaba por questionar a eleição dos fatos e a versão dos vencedores, através da apresentação de outras formas de abordagem do passado histórico, que intensifica a fragilidade das relações entre a história e a ficção.

Caim é um romance que se enquadra na perspectiva denominada metaficção historiográfica o que se evidencia pela presença de dados ficcionais e históricos a tecerem a malha narrativa. Através dessa obra, José Saramago empreende uma reavaliação do texto bíblico, retratando eventos que ocorreram desde o Éden até o episódio que retrata o dilúvio e apresentando a personagem Caim como elemento subversivo fundamental da versão bíblica tida como oficial para os que nela creem.

4. ANÁLISE DA OBRA

Além da recuperação de temas de caráter histórico, Saramago também aborda o âmbito da história religiosa, como em *Caim* (2009). À semelhança do que já havia acontecido em *O Evangelho Segundo Jesus Cristo* (1991), alvo de várias e aceras polêmicas, o mais recente romance de José Saramago, *Caim*, retoma a linha de uma paródica releitura dos textos sagrados. O enredo do romance gira em torno da figura de Caim, personagem a quem caberá, quase sempre, acionar a dinâmica de risíveis linhas de subversão. Em concomitância, lhe caberá também provar que “A história dos homens é a história dos seus desentendimentos com deus, nem ele nos entende a nós, nem nós o entendemos a ele” (SARAMAGO, 2009, p. 88).

De acordo com o dicionário Michaelis da Língua Portuguesa a história assume as seguintes acepções: 1. Narração ordenada, escrita, dos acontecimentos e atividades humanas ocorridas no passado. 2 Ramo da ciência que se ocupa de registrar cronologicamente, apreciar e explicar os fatos do passado da humanidade em geral, e das diversas nações, países e localidades em particular. 3 Os fatos do passado da humanidade registrados cronologicamente. Por meio de tais definições notamos que a história pretende ser um relato de verdade sobre o passado humano. Saramago a retoma para questioná-la como ciência relatora inquestionável da verdade, que constrói sua narrativa de modo a demonstrar a deturpação dos acontecimentos e conseqüentemente, a injustiça praticada pelos equívocos históricos e por eles transformados em “fatos”. Embora mantendo as

bases da História, numa estratégia habitual na escrita dos seus romances históricos, José Saramago, ou o narrador em sua substituição, não evidencia qualquer receio em reinterpretar o(s) episódio(s) bíblico(s) da criação do mundo.

4.1 Contextualização Da Obra

No romance, nos deparamos com uma história, cujo princípio coincide com o início da Bíblia. Os dois primeiros capítulos tratam da criação de Adão e Eva no Jardim do Éden, local onde ganham fala, comem do fruto proibido e perdem o direito de estar no paraíso. Uma vez expulsos por Deus, são informados por um querubim, de que não são os únicos humanos sobre a Terra. Este mesmo anjo os ajuda a saciar a fome e a encontrar os viajantes que ali passavam, mesmo contra a vontade do Senhor Deus. No capítulo seguinte, Adão e Eva se juntam a alguns viajantes e aprendem ofícios para poderem se manter no grupo e obter comida, após um tempo adquirem terras e constroem sua família. Somente depois, aparecem Caim e Abel. O romance de Saramago traz poucas referências à infância dos dois, entre elas o fato de que já se mostravam dotados pelos trabalhos na agricultura e pecuária respectivamente e que, por tradição, tinham que oferecer os resultados de seus esforços a Deus. Fizeram diversas oferendas a Deus, que sempre negava o fruto do trabalho de Caim, aceitando só o de Abel, causando rancor no primeiro pelo escárnio do segundo. Com raiva, Caim mata Abel. Após o assassinato, Caim conversa com Deus e o acusa de ser o culpado pelo o acontecido. Deus acaba reconhecendo o fato, mas mesmo assim não deixa Caim impune do que fez, e o marca com um sinal na testa, condenando-o a

andar errante por toda a vida, mas com a certeza de quem ninguém o faria nenhum mal.

Em suas andanças sem destino, a primeira parada de Caim é na terra de Nod, que mesmo tendo esse nome, é governada por uma mulher, Lilith, esposa de Nod, conhecida como uma bruxa por endoidecer os homens com seus feitiços eróticos e depois matá-los. Lilith é poderosa e sedutora, e mesmo sendo casada procura um homem que sacie seu desejo de ser mãe e poder dar um herdeiro ao seu esposo. Caim chega à cidade de Nod e logo consegue um ofício de pisador de barro. Lilith manda chamá-lo e Caim mesmo tendo sido alertado dos perigos da sedutora e infiel rainha, foi ao encontro dela. Chegando ao palácio Caim tomou banho com as escravas da senhora, momento em que lhe ocorreram ereções e posteriormente ejaculações. A partir desse instante Caim se dá conta do seu papel ali. Caim despertara o desejo de Lilith, mesmo sem nunca ter tido contato com uma mulher e vira uma espécie de submisso sexual da senhora, despertando ciúmes em Nod, que trama sua morte. Caim revela a Lilith sua história, e ela, ao contrário do esperado e desejado por ele não lhe despreza. Passado um tempo, Caim decide sair da cidade, mesmo sabendo que Lilith está grávida.

Sua próxima parada entre presente e futuro é no momento do sacrifício de Isaac, filho de Abaão, que foi exigido por Deus como sinal de obediência. Caim se antecipa ao anjo que impediria o ato e reprova tanto a atitude Abraão quanto a de Deus, que exigira tal sacrifício. Em meio ao acontecimento desaparece para surgir em uma paisagem diferente, provavelmente mais antiga que a outra, em que tinha uma torre altíssima com a forma de cone truncado, chamada torre de babel. Lá Caim avistou vários homens com dificuldade de entendimento, porque cada um

se comunicava com uma língua diferente. Isso se deu porque Deus achou que o homem, espécie que ele criou, queria chegar ao céu, ou até mesmo mais além dele. Para evitar que isso ocorresse, destruiu a torre, através de um furacão.

E como estava escrito nas tábuas do destino de Caim, ele reencontrou Abraão, mas dessa vez num tempo remoto, quando ele ainda era novo, em que não pretendia ter seu filho Issac. Caim presencia o momento da destruição das cidades de Sodoma e Gomorra, em que mataram inocentes. Num instante Caim já estava no deserto do Sinai, lugar que Moisés governava, mas que estava ausente no momento por ter ido ao topo do monte falar com o Senhor. Moisés demorou tanto a chegar, que seu irmão Aarão, foi nomeado sacerdote pelos israelitas no tempo da escravidão e criou um novo Deus para cultuar. Quando Moisés e seu ajudante Josué voltaram e viram a imagem, Deus fez com que Moisés juntasse um exército e matasse três mil homens, só porque ele se irritou com a invenção de um suposto rival em figura de bezerro. Passados alguns dias, Caim começou a ter visões, tais como a história de Lot e as filhas, as quais engravidaram do próprio pai para que não morressem sem descendentes, fato esse que não teve castigo por parte de Deus. Caim achou que o motivo da falta de punição teria sido a necessidade de suprir as mortes no monte Sinai. Depois Deus fez com que Moisés juntasse um novo exército para se vingar dos madianitas, sabendo ele que pouco tempo lhe restaria, entre os mortos estavam os reis de Madian.

A parada seguinte de Caim é a cidade de Jericó, governada por Josué, em que o Senhor ordena durante seis dias que Josué e seus soldados desfilem em volta da cidade para que suas muralhas caiam por terra e ela seja invadida e

destruída, deixando restar apenas as riquezas como prata, ouro, bronze e ferro. Depois do acontecido, Josué amaldiçoou quem tentasse reconstruir a cidade. Um dos amaldiçoados foi Acan que tinha se apoderado em Jericó de algumas coisas que estariam condenadas à destruição, em consequência, o Senhor ficou profundamente irritado com os israelitas e fez com que Josué, munido de informações erradas, matasse Acan. Por isso, o lugar onde estavam passou a chamar-se vale de Acor, que significa desgraça. Josué ainda tentou conquistar a cidade de Ai e o Senhor o ajudou fazendo com que o sol permanecesse em pé por mais tempo para que Josué ganhasse a batalha.

Em seguida, Caim retorna à cidade de Nod novamente e chegando lá, Lilith já estava à sua espera. Conheceu seu filho chamado de Enoch, que parecia ter uns dez anos, de acordo com Caim. Lilith e Caim foram ao quarto e lá conversaram sobre tudo que aconteceu durante todos o tempo em que estavam separados, ele contou à sua amada todo o percurso por qual passou, e ela o informou que o marido tinha morrido, motivo esse que fazia com que ela quisesse Caim como seu marido, mas ele alertou-a de que não ficaria por lá. Após duas semanas, Caim desapareceu da cidade, chegando à cidade de Us, que tinha como dono Job, homem muito rico, bom, honesto e muito religioso. Caim se encontra com dois anjos que já conhecia do episódio de Sodoma e eles contam o que sucederá a Job. Segundo os anjos, Job será castigado sem motivo, com a perda dos seus bens, dos seus dez filhos e ficará leproso, e isso por causa de uma aposta de Deus com Satã, porque Job era um homem que confiava muito nas obras do Senhor.

Depois que saiu das terras de Job, Caim não andou muito para chegar num lugar muito bonito, com montanhas verdejantes, onde encontrou algumas pessoas, mais precisamente oito, quatro homens e quatro mulheres, Noé e sua família. Eles estavam trabalhando numa grande construção, de um barco ou uma arca, a pedido de Deus. Caim como sempre, curioso, procurou saber qual a finalidade da construção, quando Deus lhe aparece e diz que seria para guardar pares de todas as espécies de animais existentes, porque ele iria inundar o mundo, já que este estava cheio de corrupção. Os únicos merecedores de sobreviver seriam Noé e seus descendentes, para poder procriarem quando não mais existissem outros seres humanos. Deus e Caim tiveram seu último acerto de contas, antes que todos entrassem na arca e Deus pudesse fazer o dilúvio começar. Caim seguiu na arca, para ajudar Noé com a fecundação de suas noras, mas ele fez mais que isso, durante o tempo em que passaram lá dentro, Caim, ardilosamente, sem que ninguém percebesse, matou um a um dos que ali estavam. Chegando em terra firme, Deus estava a esperar os sobreviventes, mas se espanta quando vê que apenas Caim estava na arca. Deus pergunta como ele teve coragem de contrariar o projeto dele. E Caim responde que agora já podia morrer, mas Deus disse-lhe que não podia matá-lo, pois nunca voltava atrás em suas palavras, e de acordo com a ciência assim ficaram a discutir e a discutir para sempre.

A reformulação que Saramago realiza em sua obra, toma, fundamentalmente, duas figuras como alicerces: O senhor/deus e caim, personagem bíblico do livro do gênesis que sobrevive no senso comum ocidental como a encarnação da inveja e da crueldade. Ao indignar-se diante da recusa de

deus em receber sua oferenda e aceitar a de seu irmão, Abel, Caim é tomado pela afronta, resolvendo-se por assassinar o irmão. Ao ser questionado pelo senhor em relação aos seus atos, Caim recebe deste um a marca na testa. A atitude de Caim é erigida, pelo texto bíblico, como marco original do *rompimento da fraternidade*.

A releitura dos fatos bíblicos no romance de Saramago pode ser notada, quando o narrador evidencia a culpa de Deus e não só de Caim no crime que matou Abel, conforme se pode notar na citação a seguir:

O fumo da carne oferecida por Abel subiu a direito até desaparecer no espaço infinito, sinal que o senhor aceitava o sacrifício e nele se comprazia, mas o fumo dos vegetais de Caim, cultivados com um amor pelo menos igual, não foi longe, dispersou-se logo ali, a pouca altura do solo, o significava que o senhor o rejeitava sem qualquer contemplação (...). Estava claro, o senhor desdenhava Caim. (SARAMAGO, 2009, p.33)

O narrador opera a revisão dos fatos ao expor que a oferenda de Caim era cultivada por amor pelo menos igual a da oferenda de Abel; com isso ele introduz o questionamento não explícito: por que Deus teria recusado a oferta de Caim? Por que não recebeu ambas as ofertas dos irmãos, já que eram fruto de igual esmero? A postura de Deus é frontalmente classificada pelo narrador como de desdém, observa-se que essa classificação, por si só, opera uma releitura clara ao episódio bíblico. Além da postura de Deus, a de Abel também sofre uma reformulação que foge da descrição bíblica:

Foi então que o verdadeiro caráter de Abel veio ao de cima. Em lugar de se compadecer do desgosto do irmão e consolá-lo, escarneceu dele, e, como se isto ainda fosse pouco, desatou a enaltecer a sua própria pessoa, proclamando-se, perante o atônito e desconcertado Caim, como favorito do senhor, como um eleito de Deus.(...) E sempre a falta de piedade de Abel, os dichotes de Abel, o desprezo de Abel. (SARAMAGO, 2009, p.33)

Esse trecho atesta como a imagem de Abel é reconstruída pelo narrador e diverge da imagem que faz parte do senso comum. Abel é caracterizado como uma figura cruel diante da desventura do irmão e funciona como mais um motivador para a disseminação da responsabilidade de Deus no crime de Caim.

Como podemos perceber, as personagens têm sua imagem bíblica/oficial alterada. Essa desconstrução é bastante evidente e é promotora de uma proposta de releitura dessas personagens. Essa tentativa de reconfiguração dos “fatos” e consequentemente, de repersonalização das figuras bíblicas, se apresenta na nova caracterização dessas e, para tanto, o narrador se manifesta de maneira claramente posicionada, questionando a onisciência ou a supremacia que o texto bíblico dedica a algumas de suas personagens.

Sobre o que o senhor possa ou não possa, não sabemos nada, Se é assim, teremos de o forçar a explicar-se, e a primeira coisa que deverá dizer-nos é a razão por que nos fez e com que fim, Estás louca, Melhor louca que medrosa, Não me faltes ao respeito, gritou Adão, enfurecido, eu não tenho medo, não sou medroso, Eu também não, portanto estamos quites, não há mais que discutir, Sim, mas não te esqueças de que quem manda aqui sou eu, Sim, foi o que o senhor disse, concordou Eva, e fez cara de quem não havia dito nada (SARAMAGO, 2009, p. 22).

Observemos a revisão dos papéis de algumas dessas figuras, assim como apresentada pelo romance, a par da banalização da entidade divina, numa linha que se estende também à caracterização das suas violentas atitudes, há que chamar a atenção para a reconstrução das figuras de Adão e Eva – a “primeira dama”, como também se dá a conhecer, (SARAMAGO, 2009, p.10) ou do querubim que, após o pecado original – depois de se ter acabado “a boa vida” (SARAMAGO, 2009, p. 19) fica encarregado de guardar as portas do paraíso com a sua espada de fogo. Completando os espaços em branco deixados pela breve narrativa do episódio da expulsão do paraíso, e deixando de lado o tom sério e grave do Genesis, o narrador recria uma nova Eva. Esta, ao contrário da “original”, não evidencia apenas consciência crítica para comentar a atitude de Deus, considerando forçoso levá-lo a explicar as atitudes tomadas.

5. PERSONAGENS

5.1 As Personagens Eva E Lilith

No romance *Caim*, Eva e Lilith assumem um certo protagonismo. Ao subverter o mito de Lilith e parodiar a criação de Adão e Eva, Saramago mostra-se preocupado em reavaliar o texto bíblico e o papel da mulher. Segundo a bíblia, Eva foi mulher de Adão, mulher essa que virou símbolo do pecado, quando deu a seu marido o fruto da árvore proibida, por influência da serpente que vigiava a árvore. Antes desse episódio, os dois viviam no paraíso sem preocupar com nada, não tinham vergonhas e muito menos afazeres. Por raiva, pela atitude de Eva, Deus expulsou-os do paraíso e fez com que os dois pagassem pelo o acontecido, fez Eva unir-se a Adão, e sofrer com a paixão, a ponto de ser

dominada por ele, assim como quando ela fosse mãe, sofrendo com as dores do parto. Assim, sabemos que Eva deu à luz a três filhos, sendo eles Caim, Abel e Set, conforme se pode notar nas palavras bíblicas a seguir:

" Javé Deus disse então para a mulher: "Vou fazê-la sofrer muito em sua gravidez: entre dores, você dará à luz seus filhos; a paixão vai arrastar você para o marido, e ele a dominará". (Gên.3,16)

"O homem se uniu a Eva, sua mulher, e ela concebeu e deu à luz Caim. E disse: "Adquiri um homem com a ajuda de Javé". Depois ela também deu à luz Abel, irmão de Caim." (Gên.4,1-2)

Todavia, como é de costume nas ficções do autor é a mulher quem assume responsabilidade de abrir os olhos do homem, iniciando assim um conflito no romance. A Eva retratada por Saramago, pouco se parece com a Eva da história da Bíblia, a princípio. Saramago mostra de início que Eva induz Adão a provar do fruto proibido e deixa a entender que a mulher possibilita a aquisição do conhecimento. Eva, desde o momento que Deus lhe enfiou "a língua pela garganta abaixo" (SARAMAGO,2009, p.9), tomou a linguagem como arma de questionamento e crítica. O olhar de Eva estava ligado à observação das coisas e do mundo, à consciência de si como mulher e como esposa, insatisfeita por ser submissa ao marido, respondendo-lhe sem nenhum temor e até mesmo com um certo orgulho, por ter certeza do que estava a dizer:

Estava surpreendida consigo mesma, com a liberdade com que tinha respondido ao marido sem temor, sem ter de escolher as palavras, dizendo simplesmente o que, na sua opinião, o caso justificava. Era como se dentro de si habitasse uma outra mulher, com nula dependência do senhor ou de um esposo por ele designado, uma fêmea que decidira, finalmente, fazer uso total da língua e da linguagem que o dito senhor, por assim dizer, lhe havia metido pela boca abaixo".(SARAMAGO, 2009, p.23).

Num segundo momento, Saramago revela uma Eva sedutora, que tem suas artimanhas para conseguir o que quer, sendo capaz até de seduzir um anjo. Depois de ser expulsa com Adão do paraíso, Eva decide ir procurar o querubim que ficou a vigiá-lo, para pedir-lhe ajuda com o que comer, e assim o faz, mas só consegue a ajuda do ser divino de maneira sedutora, deixando com que ele a tocasse nua. Saramago relata diversas vezes no livro as recordações que Eva tem do querubim. Nos exemplos abaixo, pode-se notar as características sedutoras de Eva:

Eva caminha mais lentamente que antes, e não é porque se sinta cansada. Adão, se aqui estivesse, de certeza se riria dela, Tão valente, tão valente, e afinal vais aí cheia de medo. Sim, tinha medo, medo de falhar, medo de não ter palavras suficientes para convencer o guarda, chegou mesmo a dizer em voz baixa, tal era o seu desânimo, Se eu fosse homem seria mais fácil." (SARAMAGO, 2009, p. 23-24).

Eva retirou a pele de cima dos ombros e disse, Usa isto para trazeres a fruta. Estava nua da cintura pra cima. A espada silvou com mais força como se tivesse recebido um súbito afluxo de energia, a mesma energia que levou o querubim a dar um passo em frente, a mesma que o fez erguer a mão esquerda e tocar no seio da mulher." (SARAMAGO, 2009, p.25)

É certo que nas recordações de eva havia um lugar reservado para azael, o querubim que tinha infringido as ordens do senhor para salvar de morte certa as suas obras, mas esse era um segredo seu, a ninguém confiado".(SARAMAGO, 2009, p.31).

As seduções promovidas por Eva podem ser vistas de três maneiras: com sentido de desvio, quando a personagem oferece ao homem o fruto proibido. Com sentido da condução, ao fazer com que Deus os expulsem do Éden. E por fim,

com sentido de sedução, evidenciado no momento em que Azael cede aos seus encantos, mostrando a famosa feminilidade capaz de atrair e de corromper até mesmo um anjo de Deus.

A vida pós-Éden nunca mais seria a mesma para Eva, a primeira mulher que ousou desafiar as ordens de Deus e do marido. Saramago nos mostra uma nova face de Eva que se compadece dos filhos, pelas perdas futuras deles e tenta ensinar-lhes o certo:

Por alguns instantes caim permaneceu calado, a pensar, mas logo respondeu, Então não olhes, mãe, de mim não tem vergonha, estão habituadas. Prevendo já o que viria depois, a mãe apartou o olhar e imediatamente a voz do filho soou triunfal, Agora mesmo cresceu, agora mesmo cresceu, eu bem te tinha dito que não olhasse.(Saramago, 2009, p.38-39)

Saramago expõe em seu romance uma personagem chamada Lilith, que poucos ouviram falar, para uns, como na tradição hebraica, seria o nome da mulher criada antes de Eva, ao mesmo tempo que Adão, não de uma costela do homem, mas diretamente da terra, e por esse motivo os dois teriam brigado. Lilith teria fugido e começado uma carreira demoníaca, tornando-se assim inimiga de Eva e a instigadora dos amores ilegítimos, a perturbadora do leito conjugal. Ela representa o ódio entre família, casais e filhos, mas na Bíblia temos apenas uma menção ao seu nome, que mostra uma descrição do fim trágico do reino de Edom, que terá suas terras ocupadas por Lilith: *“Aí vão se encontrar o gato do mato e a hiena, o cabrito selvagem chamará seus companheiros; aí Lilit vai descansar, encontrando um lugar de repouso”*. Isaías 34,14.

Como símbolo da mulher que age, Lilith está bem distante do ideal de mulher casta e obediente. As atitudes contraditórias da personagem agridem a sociedade, pois atua de forma dominadora em seus casos extraconjugais e, ao mesmo tempo, procura agir de acordo com as aparências, conforme o que lhe é conveniente. Lilith assume o lugar da esposa (amante) de Caim, mesmo estando casada com Nod, marido esse que não pode lhe dar um filho, e por tal motivo não lhe exige mais do que ela quer dar. Essa insubordinação ao marido também é um traço marcante da personagem, que finge seguir as convenções sociais na vida íntima e governa a cidade, o palácio e seus homens. A Lilith do livro de José Saramago é sedutora, segura de si e dotada de uma beleza extraordinária, ela é o protótipo da mulher que atrai e enfeitiça os homens, tornando-os meros fantasmas, e assim fazendo com que Caim se renda totalmente ao seu desejo. A união de ambos revela ao leitor ser possível, partindo de histórias moralmente condenáveis, manter uma dignidade que sobrepõe tais tipos de valores. É digna justamente por não se envergonhar de sua natureza. Revela-se inclusive capaz de amar um homem, independentemente de seus erros, mostrando assim sua outra função no romance, a de despertar em Caim o desejo de confrontar Deus. E assim Caim a engravida, e ela torna-se mãe de um menino chamado Enoch.

No romance é possível notar as diversas facetas de Lilith:

Lilith esposa

“...essa atitude de condescendência conjugal que, com o tempo, viria a tornar-se em cómoda maneira de viver, só perturbada pelas raríssimas vezes em que lilith, movida pelo que imaginamos ser a tão falada paixão feminina, decidia ir ao quarto do marido para um fugaz e insatisfatório contacto que a nenhum dos dois comprometia, nem a ele para exigir

mais do que lhe era dado, nem a ela para lhe reconhecer esse direito. (SARAMAGO, 2009, p.61)

Lilith sedutora

“Levantou-se, ajustou as pregas do vestido fazendo escorregar lentamente as mãos pelo corpo, como se estivesse a acariciar-se a si mesma, primeiro os seios, logo o ventre, depois o princípio das coxas onde se demorou, e tudo isto o fez enquanto olhava o homem fixamente, sem expressão, como uma estátua.” (SARAMAGO, 2009, p. 57)

Lilith mãe

“...não houve interrogatórios nem torturas, o que talvez se tivesse devido à gravidez e lilith, ... Disseram essas autoridades, em geral parteiras de longa experiência, que os bebês, dentro das barrigas das mães, ouvem tudo quanto se passa cá fora. O resultado foi uma sóbria execução por enforcamento perante toda a população da cidade, como um aviso.”(SARAMAGO, 2009, p. 71-72).

Além disso, a nova Eva mostra-se capaz de agir, na esteira de uma linha de composição de personagens femininas corajosas, determinadas, e não pouco importantes ao desenvolvimento de vários traços da personalidade. Ao contrário de Adão, por exemplo, resignado com a deliberação divina e temeroso dos efeitos de novas desobediências (SARAMAGO, 2009, p. 22), Eva de Saramago não aceita pacificamente a fome que são obrigados a passar, decidindo, por isso, “ir pedir ao querubim que lhe permitisse entrar no Jardim do Éden e colher alguma fruta que lhe aguentasse a fome por uns dias mais” (SARAMAGO, 2009, p. 21).

5.2 Deus e Caim

Continuemos agora com o papel de deus quanto ao episódio em que Abrão, atendendo a solicitação do senhor, se dispõe a oferecer a vida de seu filho, Isaac, em sacrifício:

Ora, enquanto sobem e não sobem, convém saber como isto começou para comprovar uma vez mais que o senhor não é pessoa em que se possa confiar. (SARAMAGO, 2009, p.78-79)

Então o senhor é capaz de tudo, do bom, do mau e do pior (...). O costume do senhor é mandar a ruína (...). O senhor é rancoroso. Queres dizer que o senhor enlouquece as pessoas (...). A questão é sermos governados por um senhor como este, tão cruel como baal, que devora seus filhos. (SARAMAGO, 2009, p.82-83)

Como demonstrado, a figura do senhor passa por uma reformulação que se aproveita do próprio texto bíblico para ser realizada; ou seja, o texto bíblico nos oferece uma nova possibilidade de leitura, explorada pelo autor. Isso demonstra que o texto bíblico, antes de ser desprezado é, na verdade, aproveitado como material primário privilegiado para os questionamentos que envolvem tanto os papéis de suas personagens quanto a interpretação dos fatos bíblicos escolhidos para se construir uma nova versão da história. A imagem de Deus como inquestionável e dotado de onisciência é desconstruído desde o início da história, porque um ser absoluto e perfeito como o senhor, jamais poderia cometer qualquer tipo de erro. A falta de cuidado de Deus para com Adão e Eva pode ser percebida no início do romance, quando descompromissadamente Deus se despede de suas criações e desaparece por um bom tempo: "Até logo, e foi à sua vida. Então, pela primeira vez adão disse a eva, Vamos para cama." (SARAMAGO, 2010, p.11)

Em outras passagens, deus é retratado como detentor de valores não superiores às de suas próprias criações.

Há querubins no mundo que são uma autêntica providência, enquanto o senhor, pelo menos neste experimento, não se preocupou nada com o futuro de suas criaturas. (Saramago, 2009, p.28)

Na passagem acima, o anjo Azael acolhe Adão e Eva com o espírito cristão que parece ter faltado ao próprio senhor.

A personagem caim também sofre uma reformulação que se choca com o constructo do senso comum. Essa reformulação não alcança somente a caracterização de sua personalidade, mas também sua própria importância como participante da história bíblica.

Ao contrário do que encontramos na Bíblia, onde caim tem sua história retratada unicamente em função do fratricídio, no romance de Saramago ele é alçado ao posto de protagonista, chegando, inclusive, a representar uma figura capaz de oposição a deus. Isso demonstra o quanto seu papel ganha notoriedade e poder no romance.

Observemos, através de algumas passagens, como o narrador trabalha a personagem Caim: “(...) esse maldito, esse fratricida, teve bons princípios como poucos.” (Saramago, 2009, p.38)

Notemos que o narrador opera uma ideia paradoxal ao defender que caim, apesar de seus crimes, apresenta bons princípios e um bom coração. A intenção parece ser a de evidenciar que os erros de Caim foram consequência não necessariamente de sua índole, mas dos percalços que lhe foram impostos. Essa posição pode ser atestada no seguinte trecho, em que a voz do narrador se insere logo após a fala de Adão a enaltecer Caim ainda criança: “Esse rapaz vai longe. Talvez fosse, sim, se o senhor não se tivesse atravessado no seu caminho.” (Saramago, 2009, p.39)

O que passamos a evidenciar no decorrer da obra, é quase uma total inversão de papéis entre Deus e Caim. Esse tem valores e piedade, aquele, é enganador, imoral e cruel. “Apesar de assassino, Caim é um homem intrinsecamente honesto.” (Saramago, 2009,p.143) No romance, é caim (e não deus através de um anjo) quem salva Isaac de ser morto em sacrifício pelo próprio pai, conforme mostra a voz de caim na seguinte citação: “Chegas tarde, disse caim, se Isaac não está morto foi porque eu o impedi”.(Saramago, 2009,p.80)

Como dito anteriormente, a trama do romance é guiada por um narrador que se manifesta parcialmente; fica evidente sua “condescendência” com Caim que passa a representar uma vítima das atrocidades de um Deus irresponsável: “Para Caim nunca haverá alegria” (Saramago, 2009, p.142)

A “subversão” que Saramago promove em relação à versão bíblica, deixa claro o quanto são estreitas as relações entre a história e a ficção e o quanto a retomada do passado pode ser questionada pelo fato de estar atrelada à subjetividade de quem o retrata e também à distância do fato narrado. Os meandros que definem os heróis para a história são tão tendenciosos quanto o olhar de quem interpreta o discurso histórico e essa certeza; a de que a história serve aos interesses tanto de quem a redige, quanto de quem se dispõe a interpretá-la é uma questão flagrante no romance.

Alguns trechos denunciam o quanto próprio narrador tem consciência dos problemas do discurso histórico, sendo, ele próprio, vulnerável as limitações de representação integral dos acontecimentos, tornando-se, pela seleção dos dados, um construtor dos fatos.

Ao terceiro, como também ficou dito, chamaram-lhe set, mas esse não entrará na narrativa que vamos compondo passo a passo com melindres de historiador, por isso, aqui o deixamos, só um nome e nada mais. (SARAMAGO, 2009, p.14)

Na passagem acima, o narrador ironiza sua própria conduta, pretendendo assumir o papel de historiador, conforme se nota na citação: “Para não sobrecarregar o relato com pormenores históricos dispensáveis passaremos sem exame a modesta emenda.” (Saramago, 2009, p.49-50)

A supressão dos dados também aparece em um trecho em que o Senhor decide que versão da história deve ser contada ao futuro:

Não falarás a ninguém sobre o que foi tratado aqui entre nós, a história que virá a ser contada no futuro terá de ser a nossa e não outra. (SARAMAGO, 2009, p.119-120)

O pretense poder do narrador como historiador é alçado a toda sua potencialidade ao determinar o futuro através da emblemática declaração do narrador, que encerra o romance: “A história acabou, não **haverá** nada mais que contar.” (Saramago, 2009, p.172).

6. CONSIDERAÇÕES FINAIS

Conforme proposto, no romance *Caim* a análise empreendida nos permite afirmar que o escritor contemporâneo, José Saramago, ao conceber a narrativa em estudo, não deseja apenas recontar uma história bíblica tão conhecida, mas reinventar a história dita oficial, a Bíblica, questionando-a como fato “real”, contribuindo, assim, para os estudos literários que dizem respeito às fronteiras entre a história e ficção.

Através da análise da narrativa, fica claro que Saramago permite ao leitor diversas leituras, por meio das lacunas do texto “oficial”, bíblico, revelando que há mais coisas a se pensar acerca dele, além do que nos tem sido passado há tanto tempo. Há um confronto com a tradição, por meio do recontar de um mito e a evidenciação de que esse é produto da construção humana. Saramago nos expõe a fragilidade de nossas representações e acaba por formular a base para diversos questionamentos sobre o verdadeiro papel da literatura quanto à reconstrução dos acontecimentos pretéritos.

A análise do papel feminino de Lilith e Eva mostra como Saramago pode ser modelar ao tratar das relações da ficção com o passado a fim de revê-lo. Nesse sentido, é que se fez relevante o estudo da metaficção historiográfica explorada pelo autor português, tanto na composição de seus personagens, quanto na dos fatos bíblicos revisitados e revistos por ele.

As personagens de Saramago revelam-se na história, estão sujeitos à história religiosa, porém são levados a extremos, induzidos pela força de se questionar se o passado, por meio do sagrado, é exatamente como o representaram. Como explica Hutcheon (1991), o que o pós-modernismo faz, e

que está presente na obra de Saramago, é usar modelos, no caso a história bíblica, e desconstruí-los. A imagem de um Deus bom e onisciente é substituída pela de um ser quase humano, dotado de defeitos e falível. O romance de Saramago chega a ser mordaz, irônico e até mesmo chocante ao lidar com a ambivalência do ser humano e dos personagens bíblicos, porém são essas características que tornam o texto do autor inovador e merecedor de seu estudado.

7. REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

Bíblia sagrada: Edição Pastoral. São Paulo, Paulus, 1990

HUTCHEON, Linda. *Poética do pós-modernismo: história, teoria, ficção.* Rio de Janeiro: Imago, 1991.

LOPES, João Marques. *Saramago: Bibliografia.* São Paulo: Leya Brasil, 2010.

Michaelis Dicionário da Língua Portuguesa. São Paulo: Melhoramentos, 2011.

NUNES, Benedito. *Narrativa Histórica e Narrativa Ficcional.* In: RIDEL, Dira Cortes (org.). *Ficção e História.* Rio de Janeiro: Imago, 1988.

WHITE, H. *Trópicos do discurso: ensaios sobre a crítica da cultura.* São Paulo: Editora da Universidade de São Paulo, 1994.

SARAMAGO, J. *Caim.* São Paulo: Companhia das Letras, 2009.